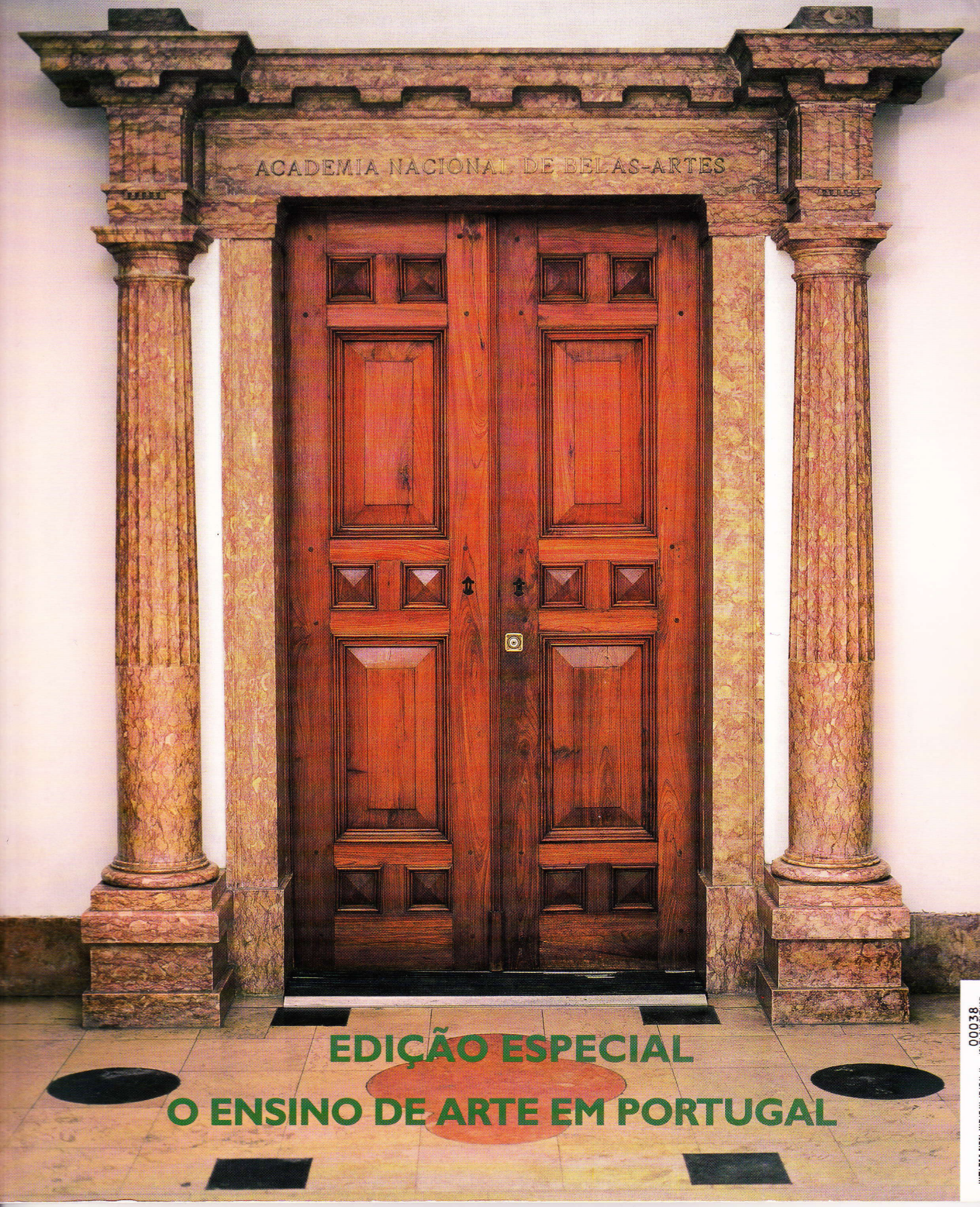
ARTE IBÉRICA

Mensal Ano 4 Nº38 Agosto 2000 950$00/4,75€ Cont. ISSN 0873-5



EDIÇÃO ESPECIAL

O ENSINO DE ARTE EM PORTUGAL

00038

Isabel Santa Clara/ Carlos Valente

Acerca do Ensino Artístico na Madeira

(Re)Visões

As (re)visões do título vêm a propósito de já termos visto estes assuntos recorrentemente debatidos, embora, pelo menos no que concerne a esta ilha, pareça às vezes que tudo continua por dizer e por fazer. Vamos lá então, no incitamento de Almada, já que «somos do século de inventar outra vez as palavras que já foram inventadas». Faremos uma introdução histórica e uma abordagem dos principais problemas com que se debate hoje o ensino superior artístico na região, abrindo depois perspectivas para o seu futuro.

Antes

Encontramos, ao recuar até ao início do século XIX, uma curiosa experiência de ensino artístico que marca a primeira irradiação, fora do Porto e Lisboa, das Reais Academias, através da vinda para a ilha de Joaquim Leonardo da Rocha, filho do célebre pintor Rocha, que fracas raízes deixou para além de alguns discretos discípulos, uns retratos de parca qualidade e um pequeno manual para os seus alunos que segue de perto a «Arte da Pintura» de Filipe Nunes. Pouco auspicioso começo, diga-se, a que se seguiu um longo interregno. Em 1877, uma efémera Aula de Desenho é criada pela Câmara Municipal, e segue-se-lhe, em 1889, a Escola de Desenho Industrial Josefa de Óbidos, mais tarde denominada António Augusto de Aguiar, onde se formaram e viriam a leccionar os artistas madeirenses que, nas primeiras décadas do século XX, fizeram parte da primeira geração de modernistas – Francisco Franco, Henrique Franco e Alfredo Miguéis. Este investigou e desenvolveu a técnica do embutido, que tinha alguma tradição na Região. Também o pintor Abel Manta passou pela escola na década de 20, leccionando Desenho Arquitectónico.

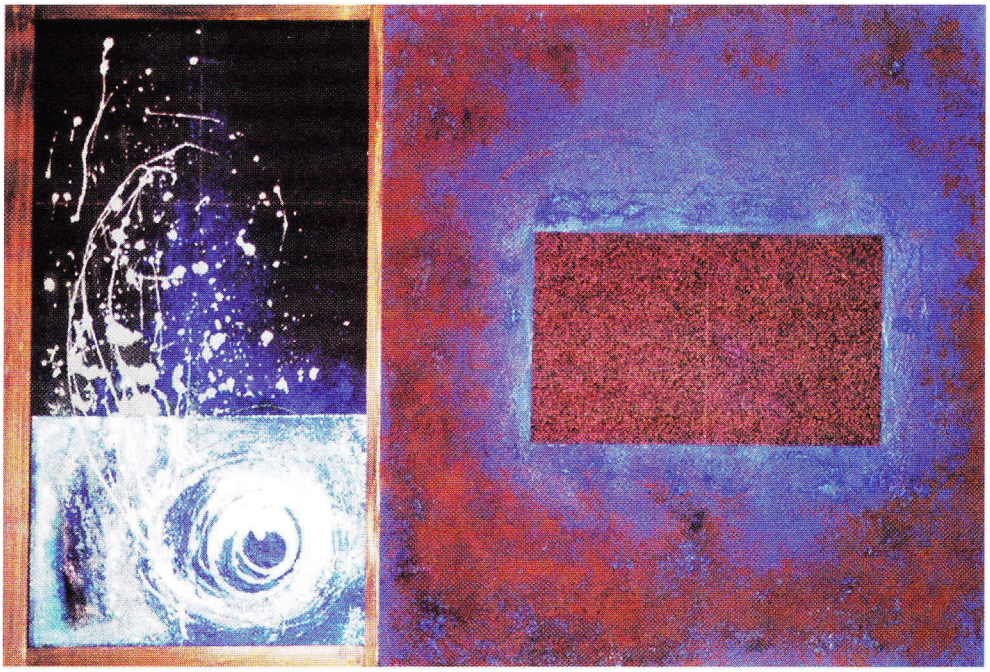
Duarte Encarnação, *Camelote I*, madeira, cabedal e veludo, 230x80x50 cm, 1999. Aluno do 4º Ano de Artes Plásticas/ Escultura

A Sociedade de Concertos da Madeira, formada em 1943, abre em 56 cursos de Belas-Artes que seguiam o modelo das Escolas de Lisboa e Porto, a cujo corpo docente recorrereu nos primeiros anos. Dirigidos inicialmente por Vasco de Lucena, depois por Justino Alves e por Anjos Teixeira, os cursos ministrados permitiram formar quadros para o ensino secundário e constituíram a primeira oferta de Ensino Superior nesta área na Região. Entretanto, professores residentes são recrutados de entre os antigos alunos, vindo do Continente apenas os júris de exame. Na sequência da extinção da Academia de Música e Belas-Artes da Madeira, os cursos passam a ser ministrados a partir de 1977 pelo recém-criado Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira, com a abertura de um curso de Design/ Projectação Gráfica, para além dos já existentes de Pintura e Escultura. O currículo incluía

novas cadeiras de opção, como a Serigrafia, a Fotografia e o Vídeo. A partir dos anos 80 realizaram-se numerosos colóquios, debates e exposições, e abriu-se um «atelier» livre acessível a antigos alunos e a autodidactas. Esta componente foi depois assumida por uma associação de artistas plásticos, a Circul'Arte.

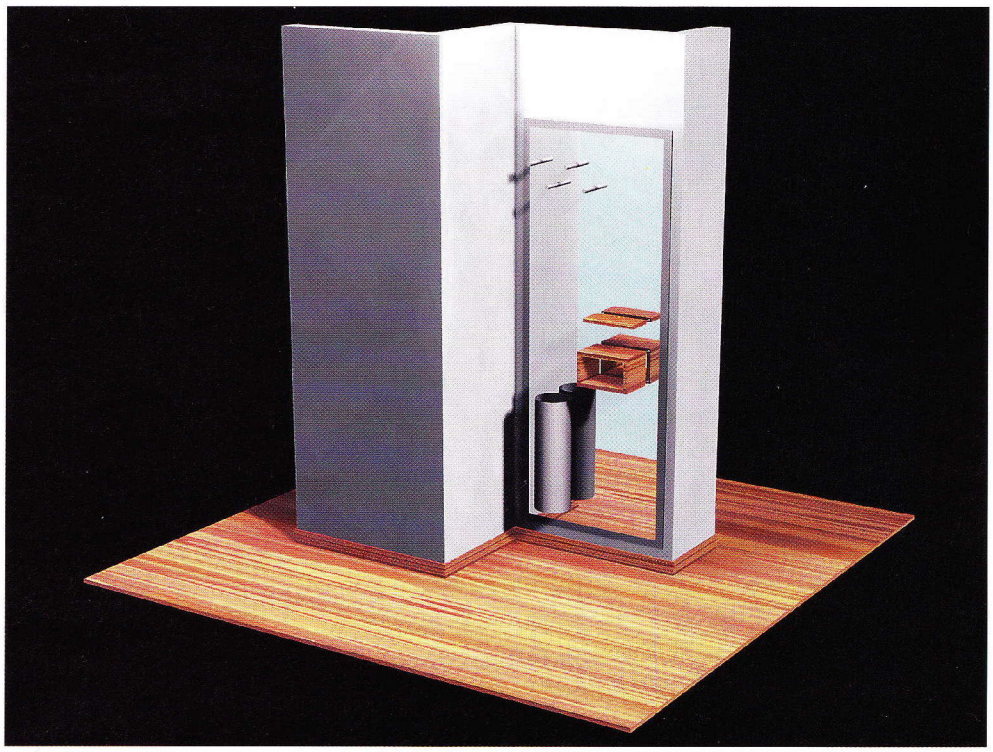
Em 1997 dá-se uma nova restruturação dos cursos e a mudança de nome do estabelecimento para Instituto Superior de Arte e Design. A reorganização é então pautada pela necessidade de incrementar a bagagem teórica nas áreas da Estética, História da Arte e teorias da imagem. Foram introduzidas disciplinas de tecnologia digital da imagem no curso de Design, ficando com a possibilidade de funcionarem como disciplinas de opção para os cursos de Artes Plásticas. Estes mantiveram as disciplinas nucleares com as tradicionais nomenclaturas de pintura e escultura.

Tanto no Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira, como no seu sucedâneo, o Instituto Superior de Arte e Design, o principal travão foi o isolamento em relação a escolas congéneres, provocado por alguma falta de ousadia, tentando sempre resolver in-extremis as falhas com a esforçada «prata da casa», limitando assim a própria formação dos docentes, que, sobrecarregados de horários e burocracias, ficaram coarctados na possibilidade de mais largos voos.



Rute Pereira, pintura, técnica mista s/ madeira, 130x90 cm, 2000. Aluna do 4º Ano de Artes Plásticas/ Pintura.

Vítor Freitas, Maqueta para um bengaleiro, 2000. Aluno do 4º Ano de Design/ Projectação Geral



Agora

Dos actuais cursos, em vigor desde 1997, estão a funcionar neste momento apenas os de Artes Plásticas, nas variantes de Pintura e Escultura, e o de Design, na variante de Projectação Geral. Esta opção generalista no campo do Design prende-se com uma necessidade de acudir no mercado local a uma diversidade de solicitações que noutros lugares têm à disposição maior quantidade e variedade de profissionais. Mas não é específico dos designers a solução generalista, ou seja, a polivalência destes tem paralelo, por exemplo, na dos professores, na dos próprios artistas, chamados a acudir a diversas frentes. Nos meios pequenos este é um fenómeno corrente e a especialização, embora desejável, é muitas vezes um luxo inacessível.

Por falar no meio, «nicho ecológico» de todas estas questões, reina aí alguma confusão em relação à função dos cursos da área artística. Espera-se deles que formem predominantemente criadores, confunde-se muitas vezes exercício escolar e obra artística; esquece-se que se torna cada vez mais premente haver quem saiba ler imagens nesta sociedade da informação em que o excesso delas e o desgaste da habituação conduzem a uma espécie de cegueira. Esquece-se que há que formar

Bruno Côrte, instalação no pátio inferior da Universidade da Madeira, 2000. Aluno do 4º Ano de Artes Plásticas/ Pintura

fruidores, que a educação visual deve começar bem cedo, numa perspectiva de desenvolvimento integral dos indivíduos e que deve ser conduzida por quem tem preparação para isso. (Note-se, para falar apenas do ensino, que continua a não haver nem a nível do Pré-escolar nem do 1º Ciclo do Ensino Básico professores destas áreas; que há lacunas na formação contínua dos professores do 2º e 3º ciclos do Ensino Básico e ainda no Secundário). A não abertura da projectada Licenciatura em Ensino das Artes Visuais prolongou uma situação ambígua, já que a grande maioria dos diplomados em Artes Plásticas e até em Design têm até hoje sido absorvidos maioritariamente pelo ensino que, como vimos acima, tem um inexplorado potencial de «empregabilidade».

Entretanto, dá-se a integração dos cursos ministrados no ISAD na Universidade da Madeira, com a consequente mudança de instalações para o Campus Universitário, o que trouxe desafios de parte a parte. De muito positivo, saliente-se o facto desta integração ter finalmente trazido aos docentes o enquadramento que lhes permitiu avançar na sua formação, acedendo a mestrados e doutoramentos, alguns já concluídos; de possibilitar a reunião num mesmo espaço de diferentes áreas do saber, o que favorece as realizações a nível interdisciplinar, até agora apenas afloradas, mas que podem vir a ser altamente fecundas. Mas esta integração feita com alguns atropelos e precipitações trouxe também problemas, alguns dos quais ainda por resolver – de ordem logística, que abaixo veremos, e de ordem burocrática, que não abordaremos aqui (mas que absorveram boa parte da energia criativa dos que tiveram de resolvê-los).

O Design, na sua postura pragmática e na funcionalidade asséptica dos seus instrumentos de trabalho, é de mais pacífica aceitação. Nota-se uma resistência nunca claramente expressa no meio universitário local à integração das artes, ditada mais por opiniões e preconceitos do que pelo equacionamento rigoroso das questões. Que papel podem ter ainda as artes ditas tradicionais, os velhos conceitos de pintura e escultura? Por mais estranho que pareça é preciso lembrar – e este aparte destina-se apenas a consumo interno – que eles estão hoje alargados e incorporam as mais diversas práticas e que a pintura há muito não é necessariamente uma tela na parede nem a escultura uma monumental estátua de herói. Pintura e escultura mantêm uma função essencial, dificilmente substituível por apressados truques de comunicação imediata. São os laboratórios da linguagem visual, os lugares da experimentação e confronto do corpo com os materiais, da memória individual e colectiva com as suas reservas, a preciosa possibilidade de lidar com modos de fazer que recorrem a processos de sedimentação. Enquanto tivermos corpo, precisaremos deste frente-a-frente com a materialidade do mundo. Podemos banir a pintura e a escultura em nome de uma modernização que quer economia, limpeza, rapidez e muita informática, mas estaremos a jogar fora a criança junto com a água do banho. Há, no entanto, uma condição imprescindível, a de não ficar agarrado ao passado. É preciso tirar partido dos novos instrumentos de trabalho e conciliar a «manipulabilidade» das novas tecnologias com a «manualidade» das antigas, num espaço de interacção que terá também de ser um espaço de teorização e reflexão.

À Universidade, para merecer a abrangência etimológica do seu nome, cabe entender e aceitar a diferença, a imprevisibilidade e a aparente inutilidade destas áreas incómodas, que, no entanto, em qualquer sociedade desenvolvida são consideradas parte integrante de uma completa e saudável formação dos cidadãos. Às artes cabe aprender a conviver com áreas do saber que falam outras linguagens e se regem por outras formas de pensar, incrementar as exigências de rigor dos seus saberes, conseguir fazer chegar aos outros os seus sabores.

Seria absurdo negar que há muito por fazer na secção de Arte e Design da Universidade da Madeira com vista à sua ligação ao meio social e universitário. Mais absurdo nos parece desperdiçar o investimento existente, em capital material e humano, pelo menos sem ter feito um estudo sério das potencialidades do mercado de emprego. Aquilo que é preciso construir deve ter o «sinal mais» e não «sinal menos» – dar aos alunos largueza de perspectivas, continuar a formação dos professores, adequar melhor os espaços, incentivar os contactos com docentes e profissionais de mérito nacionais e estrangeiros de outras escolas e outros mundos. Manter o horizonte móvel é vital, para todos nós e ainda mais numa ilha.

De projectos em curso podemos apontar a realização prevista para Novembro de uma mostra de vídeo e de um workshop com a presença de criadores e investigadores nacionais desta área. Também está agendado um encontro entre estabelecimentos de ensino superior artístico que procurará fazer o ponto da situação neste sector.

E depois?

Neste momento, o futuro desta área depende sobretudo de quem detém o poder de decisão – os órgãos da Universidade e os governamentais. Terão visão? Terão visões? A ver vamos. ■

Funchal, 10 de Julho de 2000